



O avesso da felicidade. Qual mundo para o futuro?

Luiz Gonzaga Sanseverino Jr¹
lg700@uol.com.br

Resumo: O imperativo superegóico que comanda o funcionamento atual de boa parte da humanidade pode ser pensado como efeito do discurso capitalista, no qual estamos mergulhados. A psicanálise ensina que o funcionamento do humano, seu sinthoma, está sujeito ao gozo como efeito do mergulho do indivíduo no discurso. É um dever ético da psicanálise interpretar esses movimentos na direção de construir um saber em direção ao tratamento possível desse gozo mortífero que conduz o planeta ao pior.

Palavras chave: capitalismo; gozo; supereu; objeto a; sinthoma.

Abstract: The superego statement that nowadays commands most of human kind processes reflects the Capitalist discourse we are all surrounded by. Psychoanalysis says human kind processes and their sinthome are subject to jouissance as a consequence of the individual plunge into discourse. It is an ethical duty of Psychoanalysis to interpret those moves to help build a kind of knowledge that will carry a chance to interpret the mortal jouissance that may condemn the planet.

Key Words: Capitalism; jouissance; superego; object a; sinthome.

Quando já se viveu por muito tempo numa civilização específica e com frequência se tentou descobrir quais foram suas origens, e ao longo de que caminho ela se desenvolveu, fica-se às vezes tentado a voltar o olhar para outra direção e indagar qual o destino que a espera, e quais as transformações que está fadada a experimentar².

Goze! O imperativo superegóico que comanda o funcionamento atual de boa parte da humanidade pode ser pensado como efeito do discurso capitalista no qual estamos mergulhados, e isso não é sem conseqüências para o planeta em que vivemos. Trago como forma de ilustração alguns recortes de jornais:

GELO MARINHO ÁRTICO É O SEGUNDO MENOR DA HISTÓRIA. Agora é oficial: o gelo marinho no Ártico atingiu em 2008 sua segunda menor extensão já registrada [...] o que sinaliza uma forte tendência de declínio, podendo significar um pólo norte sem gelo num futuro próximo. Os cientistas atribuem o degelo ao aquecimento global³.

ONU PROPÕE REGRAS PARA A PRODUÇÃO DE ETANOL. A ONU não nega que o avanço do etanol contribuiu para o aumento dos preços das commodities, ameaçando o direito à alimentação. Um aumento de 1 ponto porcentual no preço dos alimentos provoca um aumento de 16 milhões de pessoas que sofrem de desnutrição⁴.

O CRASH DO SISTEMA FINANCEIRO AMERICANO (e a respectiva repercussão global) COMO EFEITO DA CRISE DAS HIPOTECAS DE ALTO RISCO "O problema das hipotecas é conhecido. Os preços dos imóveis estão em queda livre há 18 meses. Chega o dia em que o mutuário não aguenta mais pagar um financiamento 30% ou 40% mais alto do que o valor do imóvel e, sem muita conversa, o devolve. Ao banco não sobra opção que não seja a de colocá-lo à venda. Mas são tanto os imóveis à venda que seu preço não para de cair, o que leva à desistência, à execução da hipoteca pelo banco e aos lances seguintes⁵.

[...] a engrenagem que sustentou o crescimento do mercado americano nos últimos anos - que foi o crédito - esta parando. A família americana já deve cerca de US\$ 12 trilhões de dólares, quase um PIB americano⁶.

Verificamos que um dos efeitos imediatos da Crise é o estancamento da disponibilidade de dinheiro, o que implica não somente o congelamento do crédito para os grandes bancos, mas também para os financiamentos estudantis, de automóveis, de casas, etc. Por sua vez, isso indica o colapso da demanda do setor privado, conforme o crédito encolhe e a riqueza diminui. Então, os americanos que estavam acostumados ao consumo, como sustentador fundamental de um estilo de vida, terão que se defrontar com esse encontro com o real, com essa nova realidade que exige rever gastos, lidar com a compulsão de consumir, e

fazer sacrifícios. Este é o perigo do remédio proposto pelo governo Bush, segundo Paul Krugman, em 23/09/2008.

Alguns céticos apelidaram o plano de ajuda de US\$ 700 bilhões elaborados por Henry Paulson para o sistema financeiro dos Estados Unidos de 'cash for trash' (dinheiro por lixo), enquanto outros batizaram a lei que está sendo proposta de 'Autorização para o Uso da Força Financeira', parodiando a 'Autorização da Força Militar', o famigerado projeto de lei que deu ao governo Bush o sinal verde para invadir o Iraque.

Sobre a economia americana, encontramos com G. Bataille, em *A parte maldita*, o seguinte:

De uma maneira fundamental, é do lado da produção exuberante que vem o perigo de guerra: apenas a guerra pode ser a cliente de uma indústria pletórica, se a exportação é difícil e se outra saída não está aberta. A economia americana é mesmo exatamente a maior massa explosiva que jamais houve no mundo⁷.

Goze! Digamos que a psicanálise ensina que o funcionamento do humano, seu sintoma, está sujeito ao gozo como efeito do mergulho do indivíduo no discurso, que pulula ao seu redor e o inunda. Podemos tomar então como orientação a seguinte frase de Lacan em *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-1969): "No discurso, não tenho que seguir sua regra e sim que encontrar sua causa"⁸. Lacan retoma Marx nesse seminário, não que Marx seja o inventor do capitalismo, mas porque ele é o descobridor daquilo que o motiva.

O que é o objeto do capital? Marx parte da função do mercado. Sua novidade é o lugar onde ele situa o trabalho nesse mercado. Não se trata de o trabalho ser novo, mas de ele ser comprado, de haver um mercado de trabalho. É isso que permite a Marx demonstrar o que há de inaugural em seu discurso, e que se chama mais-valia⁹.

Em "Radiofonia" (1970), Lacan nos fala sobre a "mais-valia" desta forma:

[...] a mais valia, é a causa do desejo do qual uma economia faz seu princípio: o da produção extensiva, portanto insaciável, da falta de gozar (*manque-à-jouir*). Esta se acumula, por um lado, para aumentar os meios dessa produção como capital. Por outro lado, amplia o consumo, sem o qual essa produção seria inútil, justamente por sua inépcia para proporcionar um gozo com que possa tornar-se mais lenta¹⁰.

Nos paradoxos da demanda, ou seja, naquilo que se pede há o que se quer? Trago alguns elementos. A orientação política americana que se consoma mais ainda, como motor da economia global. O fato de, no século passado, o avanço tecnológico ter sido maior do que em toda a história da humanidade, assim como a destruição do planeta. A visada ao lucro a qualquer preço, demonstrada pela insanidade das autoridades chinesas, e pelas megalópoles poluídas. No estado de São Paulo, 67% das terras agriculturáveis está sendo destinada ao plantio para o álcool¹¹. Bush não assinou o protocolo de Kyoto e seu governo gastou 700 bilhões de dólares na guerra do Iraque.

Penso que os dados acima mostram a influência da pulsão de morte no funcionamento, no sintoma, daqueles que, neste modelo "democrático" atual, ainda que por um certo tempo, detêm o poder, e infelizmente, causam um estrago imenso ao planeta com o imperativo que ordenam em nome de uma "certa felicidade": consumam! Consumam a qualquer preço.

Acredito ser um dever ético da psicanálise interpretar esses movimentos na direção de construir um saber sobre esse gozo que conduz o planeta ao pior, e assim, possibilitar que se pense sobre isso. Lacan em "Subversão do sujeito e dialética do desejo" situa o gozo do lado do escravo¹². Podemos pensar então com Lacan que estamos todos

em uma sociedade de escravos onde renunciamos ao gozo como condição de entrada no laço social, em troca da promessa da máquina de produção capitalista de recuperação desse gozo via consumo. Consume-se mercadoria.

Voltando a Marx, verificamos que ele chama esse gozo de "fetiche da mercadoria", cuja função não é mais de uso, e sim de troca ao serviço da construção do Capital. A mercadoria não é mais para ser usada, e sim para ser trocada. Isso explica o marketing da indústria de celulares que insiste em "oferecer" seu produto como descartável, ou de automóveis que, na verdade, encobre a promessa de felicidade na troca "cada vez mais fácil" do carro usado pelo carro zero.

Portanto, digamos que, na verdade, o que é encoberto é o desejo da indústria capitalista de tentar produzir objetos/semblantes, cada vez "mais parecidos" aos objetos de desejo do ser humano. E este a cada vez, ao realizar seu "desejo de consumo", encontra fatalmente a frustração de ao ter sentir algo, como podemos ilustrar: Ah!... Lamento, não era bem isso que eu queria... Bem, não faz mal. Vamos aguardar o próximo lançamento. Percebemos que isso alimenta o capitalismo que visa à produção constante que repete, e repete, até o lixo cobrir o imediatismo da vida, em que os objetos no mundo moderno são feitos para serem destruídos. Artefatos militares, artigos de moda, etc, têm como destino final, serem jogados fora. Portanto, nos apoiando em Lacan, temos aqui definida a noção de objeto a como causa de desejo e não a sua meta. Não existe completude e acredito que a busca frenética desta "felicidade ao avesso" pode levar ao pior.

Goze! É a ordem do discurso capitalista. Consumam! (o planeta). Visem o lucro e não olhem para o resto. Digamos então que o futuro mostrará, se houver tempo para isso, se esse resto poderá se transformar em um novo objeto a, causa

de desejo de recuperação do planeta. Faço ressoar aqui a orientação de Jacques-Alain Miller, em sua aula do dia 14 de novembro de 2007, na qual ele propõe a "ação lacaniana" como "antídoto" à crise atual da civilização. Entendo que o psicanalista deve sair de seu consultório e, via mídia, muito cuidadosamente, fazer ecoar o discurso analítico, em direção ao tratamento possível desse gozo mortífero.

¹ Luiz Gonzaga Sanseverino Jr é Aderente da Seção São Paulo da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP).

² Freud, S. (1969[1927]). "O futuro de uma Ilusão". In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, p. 43.

³ Reuters. (2008, 17 de setembro). *Folha de São Paulo*.

⁴ Chade. (2008, 10 de setembro). *O Estado de São Paulo*.

⁵ Subprime. (2008, 16 de setembro). *O Estado de São Paulo*. Ming, C. (2008, 24 de setembro). *O Estado de São Paulo*.

⁶ Lozardo. (2008, 16 de setembro). *O Estado de São Paulo*.

⁷ Bataille, G. (1975). *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago, p.198.

⁸ Lacan, J. (2006[1968-1969]). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.13.

⁹ Idem. *Ibidem*, p. 17.

¹⁰ Idem. (2003[1970]). "Radiofonia". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 434.

¹¹ *O Estado de São Paulo*, setembro de 2008.

¹² Lacan, J. (1998[1960]). "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 825.